

México sem acordo deixa Brasil otimista para reunião do Fundo

28 SET 1986

Div. Externa

William Waack

Washington — As incertezas sobre dois importantes compromissos — uma estratégia para os ricos e um acordo entre os bancos e o México — reduziram bastante o otimismo de funcionários do FMI e do governo americano sobre os resultados da reunião anual, que começa na terça-feira. Os sorridentes são os integrantes da delegação brasileira: a falta de um acordo dos bancos com o México, país que seguiu à risca as recomendações do FMI, é um trunfo importante para a estratégia do ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

— Nós estamos aqui na posição confortável de esperar para ver o que acontece com o México e a Argentina. Se houvesse um acordo rápido com os bancos e os mexicanos, coisa que o governo americano e o FMI esperavam poder anunciar ainda antes do início do encontro, eles teriam um grande argumento na mão em favor de estratégias ortodoxas de renegociação da dívida. Isso até agora não aconteceu — disse um dos assessores de Funaro.

A rigor, os bancos e o México têm até amanhã para anunciar um compromisso. Os mexicanos pretendiam sobretudo uma substancial redução dos **spreads** item no alto da agenda de negociações dos brasileiros. A atitude da delegação brasileira (todos agora aliviados, depois que foi encontrada a mala do ministro Dilson Funaro, obrigada a com-

prar algumas camisas às pressas, na véspera, é de indistigável retraimento.

— Não viemos negociar nada aqui. Não temos por que forçar uma briga neste momento, nem por que assinar qualquer acordo. Importante para nós é ver o que acontece com os ricos. A briga é séria, pois baliza os principais acontecimentos na economia mundial nos próximos meses. Vamos ver o que os mexicanos conseguem. Se eles agüentarem mais 48 horas sem acordo, a situação fica muito delicada para o pessoal do Fundo Monetário Internacional e dos governos credores, que nos pressionam a ir ao FMI — disse o mesmo assessor.

Um contato preliminar entre pessoal de nível técnico do Brasil e do Federal Reserve não trouxe qualquer mudança substancial em posições suficientemente conhecidas e repetidas até a exaustão pelos dois lados. Ao contrário: a recente viagem do ministro Funaro à Europa, onde expôs a excepcionalidade do caso brasileiro, não parece ter produzido resultados palpáveis ainda no segundo escalão da administração americana, que prossegue insistindo na receita tradicional.

Ontem, os ministros da Fazenda dos países em desenvolvimento, reunidos no chamado Grupo dos 24 (G-24), aprovaram com pequenas modificações o comunicado elaborado na véspera por seus suplentes. A delegação peruana está desenvolvendo intensos esforços para conseguir a realização de uma conferência internacional sobre a dívida externa.

Em pouco mais de duas horas de monótonas discussões — a rigor, não havia sobre o que discordar — os ministros aprovaram por unanimidade um longo comunicado no qual alguns trechos simplesmente repetem parágrafos de outras declarações conjuntas de meses e anos anteriores. De fato, o descontentamento dos endividados com o que consideram “absurda falta de atenção e compreensão” por parte dos governos credores industrializados fica patente num dos poucos parágrafos novos:

“A argumentação sobre programas orientados para o desenvolvimento (das economias dos endividados) é simplesmente retórica, a menos que se inverta o alto nível atual de transferência líquida de recursos dos países em desenvolvimento aos desenvolvidos”, diz o comunicado.

Os endividados continuam também — o que não é qualquer surpresa — manifestando forte descrença quanto à compatibilidade dos programas de ajuste recomendados especialmente por parte do FMI. “Seria necessário eliminar o excesso de condicionalidades e levar em conta as peculiaridades de cada país”, afirmam.

“Um exemplo dessa rigidez constitui o requisito para a reprogramação multianual da dívida, dentro do Clube de Paris, de que haja previamente um acordo com o Fundo”, diz uma frase no comunicado, inserida por pedido expresso da delegação brasileira.